

## **OS PALÁCIOS DO BRASIL MODERNO: OS GRUPOS ESCOLARES DE SERGIPE**

Luana Alves de Souza Menezes<sup>1</sup>

Magno Francisco de Jesus Santos<sup>2</sup>

Com a chegada da República no Brasil, acreditava-se no progresso e modernização do país. Para isso, precisava-se modernizar a educação e também fazer com que ela chegasse para todos.

O processo de industrialização era predominante no mundo. Precisava-se que as pessoas fossem alfabetizadas, uma vez que, o cenário urbano estava sendo predominante. Vários intelectuais e governantes do Brasil, com idéias positivistas, foram buscar na França, o modelo ideal de educação primária.

Foi olhando para a experiência da escola Francesa e os discursos elaborados por seus intelectuais da educação, que parte das autoridades de ensino da república brasileira irá procurar se assemelhar de maneira incompleta, especialmente quando propõem a institucionalização da escola graduada.<sup>3</sup>

A experiência de dispor a escola primária de graduações tem origem na França, a partir dos anos de 1830, com a denominação de escola central, escola graduada ou grupo escolar.<sup>4</sup>

Na terceira República Francesa onde Jules Ferry<sup>5</sup> defendia a instrução pública primária como formadora de cidadãos onde estes se tornariam esclarecidos podendo se desligar das intervenções da Igreja Católica. Com a forte personalidade de Jules Ferry, em 1882 a gratuidade da escola primária na França, de fato, foi regulamentada.

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela FJAV.

<sup>2</sup> Doutor em História pela UFF. Professor Titular da Faculdade Pio Décimo. E-mail: magnohistoria@gmail.com

<sup>3</sup> BENCOSTA, Marcus Levy A. **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 97

<sup>4</sup> PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da Era das cadeiras isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba**. Campinas-SP: Autores Associados; São Paulo: USF, 2002.

<sup>5</sup> Ministro da instrução pública e presidente do conselho da terceira República Francesa.

As cadeiras isoladas era o modelo educacional predominante desde o Império, onde o ensino primário era feito em diversas casas alugadas pelo Estado. Como estava custando muito caro aos cofres públicos do país então voltados na experiência da escola primária graduada na França, que os republicanos resolveram implantar no Brasil.

A organização dos grupos escolares estabelecia a reunião de várias escolas primárias de uma determinada área em um único prédio, a administração pública entendeu ser um benefício financeiro aos seus cofres o fato de não ter que arcar com alugueis das diversas casas que abrigavam as escolas isoladas.<sup>6</sup>

Também várias críticas eram feitas ao modelo educacional das cadeiras isoladas, pois ela oferecida na casa dos professores ou em ambientes inadequados, este ambiente oferecido para a escola pública primária não condizia nenhum pouco com os ideais republicanos.

O Funcionamento das cadeiras isoladas nas residências dos professores acarretava problemas tanto de ordem administrativa quanto de ordem pedagógica. Em relação a este último aspecto alguns gestores da instrução pública consideravam “promiscua” a convivência entre os discípulos e a família do professor, reunidos na mesma casa, na maioria das vezes, de aparência das mais humildes e, “pouca ou nenhuma ordem, regra e disciplina nos exercícios letivos; hum pessoal pouco apropriado às funções importantes cujo desempenho tinha a seu cargo”.<sup>7</sup>

A preocupação com a higienização era gritante nesta época, devido ao crescimento populacional nas cidades em busca de trabalho assalariado, com esta aglomeração as epidemias se alastravam tais como varíola, cólera entre outras. Então no início do século XX, no

---

<sup>6</sup> BENCOSTA, Marcus Levy A. **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005, p.98.

<sup>7</sup> Parahyba do Norte, Província da. Relatório da Instrução Pública, 1854 a, p.44, apud, PINHEIRO, 2002, p.73

Brasil várias cidades passaram por um processo de urbanização e modernização, onde eram realizados vários projetos de melhoramento.

Cada cidade teve ritmos diferenciados, que resultaram por sua vez, em problemas diferenciados. Tais programas estabeleceram relação não só como sitio original, mas estiveram, também, relacionados à adaptação da cidade à nova ordem requerida pelos ciclos econômicos locais. Esses processos de modernização privilegiaram, além das reformas portuárias, dois eixos: O embelezamento urbano e as campanhas de higienização.<sup>8</sup>

Segundo Pinheiro a idéia da criação dos Grupos Escolares era de agrupar em um só prédio, várias escolas.

Para reunir em um só prédio de quatro a dez escolas, compreendidas no raio da obrigatoriedade escolar (2 km para o sexo masculino e 1 km para o feminino distante da escola) Essa reunião de escolas era feita a critério do Conselho Superior. Em cada Grupo Escolar existia um diretor e tantos professores quantas fossem as escolas (classes, como mais tarde serão chamadas, reunidas.<sup>9</sup>

37

O primeiro grupo escolar foi inserido na cidade de São Paulo foi idealizado por Caetano de Campos. As condições de modernização e industrialização influenciaram nessa inserção. Conforme Souza:

Os primeiros Grupos Escolares Surgiram em São Paulo em 1893 e correspondeu na época, a um novo modelo de organização administrativo-pedagógico da escola primária com base na graduação escolar, classificação dos alunos por grau de adiantamento, no estabelecimento de programas de ensino e da jornada escolar, na reunião de vários professores e varias salas de aula em um mesmo edificio-escola para atender um grande numero de crianças, na divisão

---

<sup>8</sup> MOREIRA, Keila Cruz. Grupos Escolares: modelo cultural de organização (superior) da instrução primária (Natal, 1908-1913). 1997, Monografia (Especialização em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 1997,p.64.

<sup>9</sup> REIS FILHO, 1995, p.137-138 apud PINHEIRO, 2002, p.125

do trabalho e em critérios de racionalização, uniformidade e padronização do ensino.<sup>10</sup>

Essa nova organização de ensino, estava dando certo em São Paulo então os outros Estados brasileiros, irão procurar como modelo a experiência paulista, buscando implantar nos seus estados. Mas ocorrera de forma desigual, visto que os níveis de organização escolar eram diferenciados em cada estado. Conforme Bencostta (2005) que estudou os Grupos Escolares em Curitiba, ressalta que a consolidação desta experiência de organização não se efetivou imediatamente em Curitiba. Foram necessários maiores esforços para modificar a realidade escolar, a fim de aproximá-la dos discursos dos poderes públicos.

Os Grupos Escolares iam sendo inseridos em suas cidades, principalmente nas capitais onde tinham um melhor suporte. E em 1908 foi instalado o primeiro grupo escolar no estado do Espírito Santo, mais especificamente em Vitória de acordo com o decreto de nº 166 de 5 de setembro, onde recebeu o nome do próprio secretário da instrução pública Gomes Cardim. Já em Santa Catarina foi em 1911, com o nome de Grupo Escolar Conselheiro Mafra.

A localização era muito importante, pois deveria atender aos novos preceitos da pedagogia moderna. Então os grupos escolares deveriam estar localizados nos centros das cidades, longe das zonas periféricas, onde os alunos pudessem contemplar arquitetura deste espaço.

Nesse sentido, a instituição escolar ocupa um espaço que se torna por isso lugar. Um lugar específico com características determinadas, aonde se vai, onde se permanecem certas horas de certos dias, de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação do espaço e sua conversão em lugar escolar levam consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surge, a partir

---

<sup>10</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 18, p. 75-101, 2001, p.75.  
Práxis Pedagógica: Revista do Curso de Pedagogia, Aracaju, Vol. 3; Nº 4, Jan/Jun 2015

de uma noção objetiva --- a de espaço lugar -, uma noção subjetiva uma vivência individual ou grupal, a de espaço-território.<sup>11</sup>

Em 1906 em Minas Gerais mais especificamente em Belo Horizonte, foi implantado o primeiro grupo escolar . No Rio Grande do Norte, o primeiro Grupo Escolar implantado foi o “Augusto Severo”, criado em 1908.

A vontade de inserir na Paraíba os grupos escolares é desde o ano de 1908. Quando o Presidente do estado, em mensagem enviada à assembléia legislativa, ressaltou a necessidade de realizar uma reforma na instrução pública, apontando a importância de criação dos grupos escolares para a moderna educação. A reforma educacional do estado aconteceu em 1911, pela lei nº 360. Mas só em 1916, que foi inserido em João Pessoa o primeiro Grupo Escolar.<sup>12</sup>

O Ensino primário em Sergipe foi regulamentado e aprovado pelo Decreto nº. 563, de 12 de agosto de 1911. O referido regulamento enfatiza o ensino público gratuito e igual para ambos os sexos, a organização do ensino primário em escolas isoladas e em grupos escolares em condições pedagógicas adequadas.<sup>13</sup>

Assim como em muitos lugares do país, em 1911 foi inaugurado o primeiro grupo escolar de Sergipe, mais especificamente na capital do estado em Aracaju, denominado de Grupo Escolar General Siqueira. Para se compreender a implantação dos grupos escolares em Sergipe, é necessário voltar-se para o contexto político no qual se inseria o Estado na época.

Na chamada República Velha, o foco dos governantes era a educação. O ensino público em Sergipe teve três momentos a serem destacados. O primeiro – de 1889 a 1990 – configurou-se numa euforia seguida de sucessivos conflitos. Segundo momento – de 1911 a 1922 –

---

<sup>11</sup> VIÑAO FRAGO, Antonio. “Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões”. In: **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Trad. Alfredo Veiga Neto. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. p.17.

<sup>12</sup> PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da Era das cadeiras isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba**. Campinas-SP: Autores Associados; São Paulo: USF, 2002 p. 127.

<sup>13</sup> NUNES, Maria Thétis. *História da educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984, p. 234.

foram criados os primeiros grupos escolares e as escolas noturnas. Por fim – de 1923 a 1930 – o movimento reformista influenciou na instrução pública do Estado, trazendo novas propostas.<sup>14</sup>

Em Sergipe, assim como no resto do país, percebia-se a insuficiência no atendimento, especialmente em relação às classes mais pobres. Após a proclamação da República, os problemas no país eram muitos, tornando-se um desafio para Sergipe. A situação real na qual viviam alguns estados não condizia com o ideário republicano de tornar o Brasil um país mais desenvolvido e rico.

Na educação os desafios eram os mesmos. Em 14 de março de 1890, houve um decreto sob o nº 30 que reformulava a instrução pública e primária no Estado. Assim, novos meios de ensino foram inseridos nas escolas. O método individual deu lugar ao ensino simultâneo; o método tradicional, ao intuitivo; o atendimento unitário ao ensino de novas classes.

São Paulo foi o primeiro estado brasileiro a implantar os grupos escolares – modelo de organização escolar seguido posteriormente por outros estados – que diferenciava-se do modelo isolado por oferecer ensino homogêneo com vários professores num único prédio. O grupo escolar de São Paulo serviu como referência para os demais estados brasileiros.

Os grupos escolares surgiram a partir de um projeto político republicano com vistas à ampliação da educação pública. A implantação desse modo de ensino também trouxe outros fatores:

Introduziu e ajudou a introduzir uma série de modificações e inovações no ensino primário, auxiliou na produção de uma nova cultura escolar, repercutiu na cultura da Sociedade mais ampla e encarnou vários sentidos simbólicos da educação no meio urbano entre eles a consagração da República. Ainda generalizou no âmbito do ensino público muitas práticas escolares em uso nas escolas particulares e circunscrita a um grupo

---

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Dilma Maria Andrade. Artigo sobre a instrução primária em Sergipe de 1889 a 1930. *Práxis Pedagógica: Revista do Curso de Pedagogia, Aracaju*, Vol. 3; Nº 4, Jan/Jun 2015

social restrito – as elites intelectuais, políticas me econômicas.<sup>15</sup>

São Paulo exerceu grande influencia na educação não só de Sergipe, mas de outros estados, pois foi considerado a vanguarda da educação nacional. Alguns professores sergipanos como José Augusto da Rocha Lima, Abdias Bezerra, Penélope Magalhães dos Santos, foram a São Paulo a fim de adquirir experiências e aplicá-las no Estado.

Para a implantação de Sergipe, não era preciso apenas pensar na parte da educação, mas também no aspecto urbanístico. Era preciso organizar as cidades para inserir os grupos escolares. Por esse motivo, Aracaju teve grande destaque por ser na época a cidade mais influente do Estado. Aracaju apresentava maior desenvolvimento, apresentando características urbanas e independência, passando a ter menos traços rurais.

Nas primeiras décadas do século XX, havia muitas casas luxuosas em Aracaju. Havia também melhoria nos calçamentos, nas obras de saneamento básico, ampliação de abastecimento de água, cinema, instalação telefônica, chegada de luz elétrica, surgimento dos primeiros automóveis, bondes elétricos e outros. Tudo isso trouxe mudanças nos hábitos de vida da cidade, que a distanciaram ainda mais das demais cidades do interior.<sup>16</sup>

A capital crescia e com ela o progresso e o cenário político nacional davam novos rumos ao Estado. Durante o apogeu da República, houve uma maior preocupação com o embelezamento das cidades, higienização e com a arquitetura, em especial a das escolas.

É dentro desse contexto que surge a implantação dos grupos escolares, em 1911, fruto da reforma Rodrigues Dória. A partir disso aprimorou-se o ensino normal e o ensino primário, passando a ser ministrado em escolas isoladas e grupos escolares.

---

<sup>15</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Editora Unesp, 1998, p.58.

<sup>16</sup> DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe**: República (1989-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, p.48 - 49

O primeiro grupo escolar do estado foi o Grupo do Modelo. Este grupo teve sua primeira ação no campo do ensino primário, aprovada através do decreto de nº 563 , de 12 de agosto de 1911. Esta lei instituía a distribuição do referido nível de ensino em escola isoladas e grupos escolares. Com a inauguração da Escola Normal, Aracaju passava a ter uma paisagem urbana modificada. A capital emergia em meio a prédios dignos de serem apresentados, seguindo os padrões exigidos pelo regime republicano. Os casarões com traçados maculados se sobressaíam entre s edificios modernos, chamava a atenção de quem passava e conferia maior credibilidade ao novo regime: A República<sup>17</sup>.

O segundo grupo escolar surgiu em 1914, no governo do General Siqueira de Menezes. Foi o primeiro edificio construído especificamente para este fim, com traços republicanos. O grupo escolar fora construído no centro da cidade, na Rua Itabaiana, com uma arquitetura imponente. Inicialmente, a idéia de um prédio próprio não foi bem aceito, visto que antigamente o grupo escolar funcionava no antigo Atheneu Sergipense.<sup>18</sup>

O grupo escolar passou a chamar-se Grupo Escolar General Siqueira, seguindo aos padrões impostos pelo regime – colocar nomes de militares nas instituições educacionais. Assim, o novo prédio encaixava-se dentro dos requisitos básicos, passando depois a ser a antiga Faculdade de Direito.<sup>19</sup>

O terceiro grupo do Estado foi o Grupo Escolar Barão de Maruim. Este grupo desenvolveu-se de forma diferente dos demais, pois fora construído sob os alicerces do antigo asilo Nossa Senhora da Pureza, Bairro Carro Quebrado, terreno doado pelo Barão de Maruim. A obra estava de acordo com os preceitos republicanos e dentro da proposta da pedagogia moderna.

---

<sup>17</sup> SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *Ecos da Modernidade: a arquitetura dos grupos escolares sergipanos. (1911-1926)*. São Cristovão, 211f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFS, 2009, p.61.

<sup>18</sup> AZEVEDO, Crislane B. de. *Grupos Escolares em Sergipe(1911-1930):Cultura escolar e civilização*.Dissertação(Mestrado em Educação).2006,253f.Universidade do Estado da Bahia.Salvador, 2006.

<sup>19</sup> BERGER, 2004, p. 99 apud Santos Magno, 2009, p. 62.



As belas linhas architectonicas, puro estylo grego, a escadaria central e as galerias dando accesso a um elegante terraço, que circunda todo o edificio, dão-lhe um nobre aspecto, tornando-o inxexedível em confronto. Tudo o que o mais exigente pedagogo possa reclamar para os grupos ecolares, ali se encontra. Seis salões amplos bem iluminados, com uma cubagem de ar acima da exigida e sempre renovada, soalhados com madeiras caras do nosso paiz, são separados por um vasto corredor central, construído em cimento armado. Latrinas e lavatórios estão decentemente instalados e convenientemente divididos para os dois sexos. / O vestiário, as salas da directoria, secretaria e biblioteca; o porão immenso, claro, bem ladrilhado, podendo prestar-se a vários fins; espaçoso recreio onde será montado um pequeno pavilhão para gymnástica; tudo está optimo e até ao menos entendido agrada. <sup>20</sup>

No final do século XIX para o XX, o cargo de direção seguia a organização racional do ensino, estando de acordo com o que se queria com a graduação dos primeiros anos de escolaridade.

43

Ali onde se desenha, constrói ou configura um espaço ou lugar para a direção, os indicadores mais úteis para captar, e analisar, as representações e concepções que se tem acerca de sua importância, natureza e funções seriam sua especificidade, sua localização, sua acessibilidade, suas dimensões e sua disposição ou configuração interna<sup>21</sup>.

Após um período, houve uma diminuição das construções luxuosas, em virtude das dificuldades financeiras da época, no entanto, o governo – especificamente no governo de Pereira Lobo – continuou a empenhar-se nas construções dos prédios.

A experiência continua a demonstrar que o grupo é indubitavelmente o typo, de escola que melhor

---

<sup>20</sup> Diário da Manhã, 10/5/1917, n, 1771, p. 1 apud BARBOSA, Crislane, 2010, p.130.

<sup>21</sup> IN: BENCOSTA, 2005, p.23.

corresponde às exigências do ensino. Infelizmente, a terrível depressão financeira porque passou o nosso Estado no decorrer deste anno, paralizou por completo as nossas forças, impossibilitando-me, conseqüentemente, de pôr em exercício tudo quanto de melhoramento tinha em vista executar em benefício do nosso Estado. Por este motivo ficou interrompida a construção do Grupo Escolar de Estância, não podendo pela mesma razão ser iniciados os trabalhos de aproveitar o velho palácio de São Christovam, adquirido pelo Estado para tal fim. [...]

É na gestão de Maurício Graccho Cardoso (1922-1926), natural de Estância e formado em Direito, que a instrução em Sergipe vai ganhar grande impulso. Esse governante empreendeu várias reformas buscando “transformar, cultural e economicamente, o Sergipe provinciano, atrasado, num Estado moderno e progressista”<sup>22</sup>.

Na gestão de Graccho Cardoso houve um intenso período de disseminação no estado de Sergipe, sendo o primeiro deles o Grupo Escolar Gumersindo Bessa, na cidade de Estância. No mesmo ano inaugurou-se a Escola Graduada de São Cristovão, sendo ocupado pelo Grupo Vigário Barroso. O prédio utilizado foi a da antiga prisão. Dessa forma, a antiga capital passava a gozar de uma escola racionalizada e moderna, com ensino primário graduado, proporcionando aos alunos uma educação de qualidade, a fim de estarem aptos para o mercado de trabalho.

Em 1924, foi construído o Grupo Escolar Silvio Romero, na cidade de Lagarto, sendo construído neste mesmo ano mais um grupo escolar em Aracaju. foram construídos mais dois grupos escolares, sendo um em Aracaju e o outro em Lagarto.

Os grupos escolares construídos no governo de Graccho Cardoso seguiam o mesmo estilo arquitetônico. Seguiam, portanto, um estilo padronizado, sempre identificados por águias de cimento, colocadas tanto na frente quanto nas extremidades dos prédios. A localização era outra característica marcante dessas construções.

---

<sup>22</sup> NUNES, Maria Thetis. **Historia da Educação em Sergipe**. São Paulo, Editora Paz & Terra, 1984, p. 239.

Dois grupos escolares da capital tiveram que ser transferidos para novos prédios, que ser transferidos para novos prédios, motivados pela instalação do batalhão da polícia militar e de uma faculdade. [...] A proximidade dos prédios estava acarretando na redução do número de alunos matriculados, impedindo a disseminação dos novos pressupostos metodológicos e a consolidação da modernidade pedagógica.<sup>23</sup>

A opulência da arquitetura se espalhava por toda a capital, formando uma paisagem cercada por palácios. Entre os prédios públicos, emergiam os grupos escolares, trazendo novo sentido à vida da população, principalmente no que se refere à educação.

Nas três primeiras décadas do século XX, teve início um período de declínio das construções dos prédios dos grupos escolares, diminuindo o número destes. Em 1925, momento de maior declínio, houve a extinção de quatro escolas isoladas em Própria, todas as de Annápolis (Simão Dias) e as de Boquim, esta última mais por falta de frequência dos alunos.<sup>24</sup>

No governo de Graccho Cardoso (1922 – 1926) houve a criação de 15 grupos escolares, sendo dois em Aracaju – G.E. Fausto Cardoso e G.E. José Augusto Ferraz. Mais 13 construções foram feitas:

<b>Grupo Escolar</b>	<b>Cidade</b>	<b>Ano da inauguração</b>
Grupo Escolar Fausto Cardoso	Simão Dias	1924
Grupo Escolar Severiano Cardoso	Boquim	1924
Grupo Escolar Coelho e Campos	Capela	1923
Grupo Escolar Gumersindo Bessa	Estância	1923
Grupo Escolar Guilhermino Bezerra	Itabaiana	1923
Grupo Escolar João	Laranjeiras	1923

<sup>23</sup> SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *Ecos da Modernidade: a arquitetura dos grupos escolares sergipanos. (1911-1926)*. São Cristovão, 211f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFS, 2009, p.67.

<sup>24</sup> AZEVEDO, Crislane B. de. *Grupos Escolares em Sergipe(1911-1930):Cultura escolar e civilização*.Dissertação(Mestrado em Educação).2006,253f.Universidade do Estado da Bahia.Salvador,2006,p.152.

Ribeiro		
Grupo Escolar Silvio Romero	Lagarto	1923
Grupo Escolar Padre Dantas	Maruim	
Grupo Escolar Coronel Joao Fernandes	Propriá	1924
Grupo Escolar Senador Leandro Maciel	Rosário do Catete	
Grupo Escolar Francisco Leite	Riachuelo	
Grupo Escolar Vigário Barroso	São Cristovão	1923
Grupo Escolar Olimpio Campos	Neópolis	1923

As obras foram financiadas pelo Governo do Estado, através de doações de particulares ou campanhas educacionais. Isso foi uma forma de legitimar o poder político, já que o doador ou beneficiador era agraciado com a homenagem na nomenclatura da instituição.<sup>25</sup>

Com todo um projeto republicano de modernização superaríamos o atraso herdado da colonização portuguesa. Ferrovias articulariam toda a produção nacional, portos seriam remodelados para inserir o Brasil no comércio internacional, as capitais brasileiras seriam belas com Paris, Londres e Nova York.

Portanto, a Educação e a arquitetura brasileira não poderiam ficar de fora dessa mudança. Vários intelectuais brasileiros foram procurar na Europa o melhor modelo educacional para inserir no Brasil.

A arquitetura dos Grupos Escolares deveria enaltecer o Regime Republicano, de modo que as crianças pudessem contemplar o exterior e o interior da escola.

A escola com relação a todas as crianças que frequentarem deveria ser bem localizada, para maior seguridade da frequência; isolada, para evitar tudo quanto distraía a atenção dos alunos; acessível

---

<sup>25</sup> SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *Ecos da Modernidade: a arquitetura dos grupos escolares sergipanos. (1911-1926)*. São Cristovão, 211f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFS, 2009, p.70. *Práxis Pedagógica: Revista do Curso de Pedagogia, Aracaju, Vol. 3; Nº 4, Jan/Jun 2015*

a todos os ventos; exposta ao nascente, clara, ajardinada, mobiliada de conformidade com a estrutura do estudante e com as necessidades do ensino.<sup>26</sup>

A escola tinha o papel de convencer, educar e dar-se a ver. Foi nesse momento que houve a preocupação em capacitar os professores no magistério em que estes deveriam estar aptos ao exercício.<sup>27</sup> Além disso, implicava uma determinada ordenação do espaço, das atividades, dos ritmos e dos tempos, assim como uma distribuição de usos desses espaços e objetos, e uma classificação – valorização de professores e alunos, ou seja, não se tratava apenas de uma divisão horizontal e vertical do trabalho, senão, sobretudo, uma cultura ou modo de vida específico.<sup>28</sup>

É notório como os nomes dos Grupos Escolares, eram dados em homenagem a políticos ou intelectuais da época como ressalta Pinheiro, como vê-se na seguinte passagem :

Entende-se, portanto, que as escolas públicas passaram a ser utilizadas como veículo de propaganda política, também servindo para marcar o poder das oligarquias, cujos nomes seriam sempre lembrados, uma vez que os suntuosos prédios escolares ,principalmente os dos grupos escolares ,como visto marcaram a nova feição urbana em pleno processo de mudança e serviram ,por conseguinte ,para embelezar a cidade e dar-lhe um ar de modernidade.<sup>29</sup>

Apesar de alguns grupos escolares serem adaptações de antigos prédios, os Grupos escolares possuíam um projeto arquitetônico. Conforme Bencostta, no artigo 855 do Regulamento da Diretoria Geral da saúde pública do estado do Paraná, as escolas para poderem funcionar em prédios cuja condições fossem julgadas satisfatórias:

---

<sup>26</sup> A República, 1904, apud, BENCOSTTA, 2005, p.107

<sup>27</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

<sup>28</sup> VINÃO, 1990:7, apud, BENCOSTTA, 2005, p. 101.

<sup>29</sup> PINHEIRO, Antonio C. F. *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: USF, 2002, p.147

1. Os prédios escolares, sempre que for possível, deverão ser construídos em um só pavimento, com porão de um metro de altura, no mínimo convenientemente ventilado;
2. As dimensões das salas de classes serão proporcionais ao numero de alunos ,o qual devera exceder de 40 em cada sala,devendo ser reservado a cada escolar uma área,no mínimo de um metro quadrado de superficie,quando as cadeiras forem duplas,1.m235,quando individuais;
3. O pé direito mínimo das salas de classe será de três metros, devendo ser aumentado, quando as condições de iluminação natural assim o exigirem;
4. As salas de classe terão preferentemente a forma retangular, cujos lados guardem a relação de 2 para 3;
5. A iluminação das classes devera ser tal, que na fila de carteiras mais afastadas das janelas o centro da mesa receba iluminação em dias nublados, nunca inferior a vinte e cinco luzes;
6. A ventilação das salas devera ser perfeita, sem correntes de ar que possam prejudicar a saúde das crianças;
7. Disporão de latrinas na proporção mínima de uma para trinta alunos freqüentes, do sexo masculino ,e de uma para cada grupo de vinte alunos,do sexo feminino;
8. O interior das escolas, sempre que for possível, deverá ser revestido de material que permita lavagens freqüentes sem se deteriorar, com tonalidades suaves, como por exemplo, cinzento claro, azulado ou esverdeado, sem saliências nem reentrâncias;
9. Os prédios escolares deverão dispor de amplo campo destinado ao recreio e exercícios físicos, devendo uma parte ser coberta de material mau condutor de calor.<sup>30</sup>

Apesar da disseminação dos grupos escolares ter ocorrido de forma que todos os estados buscaram nos grupos escolares um novo projeto de modernização da instrução pública primária, em que as crianças fossem alfabetizadas para se tornar novos cidadãos, não houve

---

<sup>30</sup> Regulamento,1929:132-133 apud,BENCOSTTA,2005,p.108

alteração em relação à política de manutenção do modelo escolar caracterizado pelas cadeiras isoladas.<sup>31</sup>

A questão da alfabetização da população ainda permanecia com índices baixos, eram reduzidos os números de alunos matriculados, pois:

As freqüentes avaliações realizadas pelos gestores da educação escolar pública apontavam inevitavelmente, para o reduzido numero de alunos matriculados em relação à população do estado. Bastava simplesmente “considerar que, dos 14.975 alunos matriculados [...] [em1925], apenas 9.409 [freqüentaram] regularmente as 310 escolas publicas disseminadas por todo o estado, cabendo em média 30 alunos”.<sup>32</sup>

Era imprescindível que as aulas ministradas fossem em exaltação ao novo regime o Republicano, então dever-se-ia exaltar a nação e o amor a pátria. Portanto, os livros de geografia e história eram indispensáveis,

As aulas de História e Geografia constituíram-se, portanto, em espaços privilegiados para a difusão de ideias que pudessem contribuir para a construção do Estado – nação. As referidas disciplinas – até então apenas destinadas a instruir e a estimular a cultura da inteligência e da razão, objetivos considerados importantes, mas não suficientes – deveriam estar assentadas na educação moral, tendo em vista a necessidade de moralizar e enobrecer o homem.<sup>33</sup>

As plantas utilizadas nos grupos escolares eram em forma de “U” “U”. Conforme Bencostta:

Este jogo combinatório, que coloca um limite à liberdade visual e espacial do observador, é decorrente da antítese entre espaço exterior e interior, que tem na sua fachada, a linha divisória que desperta a admiração daquele que a

<sup>31</sup> PINHEIRO, Antonio C. F. *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: USF, 2002, p.130.

<sup>32</sup> PARAYBA DO NORTE, Estado da. 1925, PP. 123 – 124 apud PINHEIRO, 2002, p.131.

<sup>33</sup>(PARAHYBA DO NORTE,Estado da,1917,p.1,apud PINHEIRO,2002,p.168). Idem, 1917, p.1; apud 2002, p.168

## Os Palácios do Brasil Moderno...

contempla ao mesmo tempo em que produz o ocultamento de seu interior (BENCOSTTA,2005,p.111).

O Estado Republicano não queria em nenhuma forma se assemelhar com o Regime Monárquico, visto que as idéias dos republicanos era de renovação, modernização do país. Portanto com o estilo utilizado na arquitetura dos grupos, não foi diferente eles aderiram ao estilo neoclássico, diferente do Barroco utilizado muito nas igrejas na época imperial.

É bem verdade, que a inserção desse novo modelo de instrução primária que foi o Grupo Escolar tenha sido criado com a intenção dos republicanos em enaltecer o novo regime e instruir a nação, em que os cidadãos deveriam ser patriotas, mas não podemos negar a relevância do grupo escolar na arquitetura urbana. Tais estabelecimentos escolares, ao lado da Igreja Matriz, praça central e principais prédios públicos, convertiam-se em lugar de referência para as cidades e passavam a ser tomados como “modelo”.